

A economia brasileira e o apagão de talentos

Era outubro de 2008, e o mundo sofria os efeitos do momento mais crítico da crise financeira global que, segundo os pessimistas, arrasaria o mundo. Eu me debruçava na escrita da minha sétima publicação: *Fraldas corporativas: desenvolvendo hoje o líder de amanhã* – voltado para os jovens universitários. Mas, decidi não só afirmar, mas deixar por escrito, no livro, que o Brasil passaria incólume por tal crise sem precedentes.

Para provar que falava com convicção, contrário a todas as empresas que demitiram de 30% a 60% do seu capital humano, eu e meus sócios criamos uma empresa em plena crise. Nascia então a *Asap Recruiting Leaders for the Future*, empresa para recrutar e selecionar profissionais em início de carreira gerencial.

Durante todo o ano de 2008, comentei em meus artigos e entrevistas sobre os limites físicos do Brasil para sustentar seu crescimento. A crise de 2009 foi uma espécie de 'bênção' para o governo e o empresariado local. Deu tempo ao nosso governo e aos nossos empresários de repensarem os negócios do país, em conjunto com a estrutura micro e macroeconômica. Foi um respiro que nos ajudou a nos capacitar para um crescimento previsto e tido como sufocante de 5% a 6% em 2010. Acredito que o ano de 2010 repetirá 2008, o auge para a seleção de executivos, mas sofreremos com a falta de talentos no país. Assim, enquanto falávamos em 2008 de apagões diversos (como o energético, rodoviário, ferroviário, portuário, aeroviário, regulatório, previdenciário, executivo, judiciário e outros tantos), esquecíamos do apagão mais complexo e de difícil solução: o de talentos. Sem talentos, não resolveremos apagão algum.

No segundo semestre de 2009, já podíamos constatar que a crise passara ao largo do Brasil. Sofremos pouco com ela. Na verdade, a crise apenas deu fôlego para nos prepararmos para 2010. Estamos na fase do *Investment Grade*, concedido pelas maiores e mais conceituadas agências de rating do mundo, como: Moody's, Standard & Poors e Fitch Ratings, além do alinhamento do famoso bloco econômico Bric (Brasil, Rússia, Índia e China). Todos acreditam no Brasil e todos nos querem bem. O assunto econômico deste final de década, "investimento no Brasil", continua a ser também o da próxima década e não podia ser diferente. É sinal de que mais e mais investimentos sérios serão encaminhados ao país. E a pergunta que não quer calar é: "Teremos condições físicas para atender a tanto investimento?" Com certeza, o crescimento econômico estará, de certa forma, cerceado por limites físicos.

Com o apagão de talentos, é evidente que falte infraestrutura humana para suportar tanto investimento. Nenhum país consegue se desenvolver sem educação adequada. Sabemos que os Tigres Asiáticos investiram pesado em educação – a Índia e a China não fizeram por menos. Esses são apenas alguns exemplos de mercados emergentes que se prepararam, a partir do alicerce básico, para o crescimento e desenvolvimento econômico



Alfredo José Assumpção é economista, mestre em Gerência de RH, CEO & Founder Partner da Fesa, e Chairman da *Asap*, é autor de oito livros, dentre eles, *Gestão sem medo* e *Fraldas corporativas*.

e social que advém da educação. Teremos um leilão de mão de obra jamais visto no país. Caminhamos para um completo desassossego e sofreguidão empresarial devido à incerteza quanto à entrega de pedidos por falta total de competência humana, em quantidade suficiente, sobretudo na esfera executiva. Carecemos de líderes e de capital humano técnico gerencial para respondermos no curto e médio prazos a toda a demanda de produtos e serviços que advirá. Precisamos começar a investir agora em educação. Assim, grandes empresas serão aquelas que conseguirão reter, desenvolver e motivar seus atuais talentos, além de atrair outros no mercado local e internacional.

Precisamos fazer um grande mutirão, aí incluindo governo e iniciativa privada, para minimizarmos o *gap* de capital humano necessário para fazer crescer o PIB brasileiro, de acordo com as oportunidades que se desenham neste cenário. É o que as grandes nações fazem e o Brasil tem de cumprir com seu papel social. Não há outra saída, temos de educar para sobreviver.

É hora de investirmos pesado em educação em todos os níveis, do primário ao superior, incluindo escolas de ponta para MBAs, além das que já temos, para merecermos mais ainda os investimentos que estão sendo e serão aportados no país. Só assim teremos um PIB crescendo de forma constante e duradoura, o que se reverterá em benefícios cumulativos para o povo brasileiro. É a forma de nos mantermos no status de *investment grade*. Falamos, enfim, da grande virada do país. O futuro acaba de chegar. O "país do futuro" virou o "país do presente".

Toda empresa que quiser sobreviver aos novos tempos no Brasil precisará ter um excelente quadro de pessoas. Então, comecem agora, líderes empresariais e área de recursos humanos, a recrutar os melhores universitários, pós-graduados, MBAs e demais acadêmicos, para montar o que chamamos de *personnel pipeline*.



Foto: Banco de Imagens Stock.xcng

A decisão de buscar no mercado os recursos humanos com forte impacto na estratégia de negócios das organizações – executivos – implica uma cuidadosa escolha de parceiros externos. O bom profissional, em geral, não se oferece nem responde a anúncios. Há quase que saber encontrá-los, valendo-se de consultores altamente especializados neste tipo de pesquisa e que atuam com ética no trato com pessoas.

O sucesso da economia brasileira dependerá do sucesso das empresas locais ou multinacionais aqui instaladas que, por sua vez, dependerá de como será gerenciado o apagão de talentos que o país volta a enfrentar neste ano. O recrutamento estratégico de executivos-chave passa a fazer parte integrante da agenda e deve estar no topo da lista de conselhos de administração, CEOs e líderes em geral, incluindo o empresariado local. A sobrevivência, manutenção, produtividade, lucratividade e o próprio valor da empresa dependem disto. ■

Edições anteriores?

CLIQUE!



www.tnppetroleo.com.br